



FINANCEIRIZAÇÃO DA POLÍTICA EDUCACIONAL EM TEMPOS DE NEOLIBERALISMO

Cristiane da Costa Lopes Roma¹

Resumo

O artigo investiga a financeirização da política educacional brasileira a partir do materialismo histórico dialético. Para tanto se faz necessário compreender a relação entre educação e a economia política, com destaque para as funções do Estado e os fenômenos que emergem a partir de determinado grau de desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, tendo o capital portador de juros elemento central para manutenção e expansão da produção capitalista. Nesse sentido, percebe-se que a Educação no sistema capitalista é uma mercadoria, sofre um processo de fetichização, em vez de instrumento da emancipação humana, passa a ser mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema.

Palavras chaves: Financeirização. Política Educacional. Capitalismo.

Abstract:

This paper investigates the financialization of the Brazilian Educational Policy by means of Dialectical and Historical Materialism. Therefore it is necessary to understand the relationship between Education and Political Economy, highlighting the roles of the State and the phenomena that emerge from a certain level of development of Contemporary Capitalism, and the interest-bearing capital central element for maintenance and expansion of capitalist production. In this sense, one realizes that education into the capitalist system is a commodity, undergoes a process of fetishization, rather than an instrument of human emancipation, becomes the mechanism of reproduction and perpetuation of that system.

Keywords: Financialization. Education Policy. Capitalism.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: cclroma@yahoo.com.br



1 INTRODUÇÃO:

O estudo ora apresentado abarca o fenômeno da financeirização da política educacional, no período histórico denominado neoliberalismo, como uma estratégia do capital de recuperação de sua taxa de lucro. Nesse sentido, resgata-se o redimensionamento da economia capitalista na passagem do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista, tendo como foco a mercantilização da política de educação no período denominado neoliberalismo. Nessa conjuntura, observa-se que novos fenômenos surgem na fase do capitalismo contemporâneo, com destaque para capital portador de juros que se torna elemento central para manutenção e expansão do sistema capitalista.

Nesse contexto em que se configura um amplo processo de financeirização e mercantilização das políticas sociais, sobretudo da política de educação, as funções do Estado são redimensionadas. O Estado torna-se máximo para o capital e mínimo para o trabalhador, tendo como consequência um largo processo de desmonte das políticas sociais que são submetidas à lógica do capital.

Diante do exposto, o presente estudo dividiu-se em cinco tópicos: o primeiro é a introdução, o segundo intitulado “Capital, Estado e Política Social” pretende em linhas gerais abarcar a forte relação entre esses três elementos e de que forma a fase madura do capitalismo monopolista gesta um novo cenário, onde se reconfigura a intervenção Estatal e traz alterações na condução e composição da política de educação. O terceiro tópico abarca a financeirização do capital, ressalta-se nesse processo fenômenos que surgem com o desenvolvimento do capital financeiro. O quarto tópico refere-se o processo pelo qual se manifesta a financeirização na educação e quinto a conclusão.

2 CAPITAL, ESTADO E POLÍTICA SOCIAL

O século XIX é marcado por profundas transformações na sociedade burguesa, é nesse contexto histórico que se realiza a transição do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista. Trata-se de um período em que a contradição entre capital e trabalho, já existente no capitalismo concorrencial, é potencializada, com forte incidência



na estrutura social e nas instâncias políticas dessa sociedade. A era dos monopólios além de elevar as contradições fundantes da sociedade burguesa, coloca como prioridade preservar e aumentar a taxa de lucro, através do controle de mercados.

A dinâmica da economia capitalista é redimensionada e a concentração e centralização do capital ganha centralidade na fase monopolista, o que permite o desenvolvimento do capital bancário e industrial de forma a constituir a fusão entre ambos. Processo esse denominado por Lênin (2005) de *capital financeiro*². De acordo com Mandel (2006), fenômenos como supercapitalização (montante de capital acumulado encontra dificuldades de valorização e o parasitismo (constituído pela formação de uma oligarquia financeira e pela generalização da burocratização da vida social) tornam-se elementos constitutivos na era dos monopólios. E neste cenário, os sistemas bancários e creditícios passam a ser elemento central na recuperação da taxa de lucro.

Em meio a esse contexto, o Estado passa de um intervencionismo pontual, emergencial sobre as seqüelas da exploração força de trabalho para intervir de forma sistemática e contínua nas expressões da questão social. Segundo Netto (2001), o ingresso do capitalismo no estágio imperialista muda funcional e estruturalmente a intervenção do Estado, momento em que as funções políticas imbricam-se organicamente com as suas funções econômica. Nesse sentido, cabe ao Estado a preservação e controle da força de trabalho, ocupada e excedente, é necessário formação de consenso para assegurar um bom desempenho do capital, bem como viabilizar determinado níveis de consumo a fim de manter o movimento do capital. O cenário que se gesta na ordem monopólica é de consolidação do movimento operário que passa a reivindicar melhores condições de trabalho. O Estado por sua vez a fim de buscar legitimação política cede a algumas demandas da classe trabalhadora. Nessa conjuntura, as expressões da questão social tornam-se objeto de intervenção contínua por parte do Estado, através das políticas sociais.

Contudo é na década de 1970 que as políticas sociais se tornam alvo dos interesses capitalista, inicia-se a precarização dessas políticas com intuito do capital elevar suas taxas de lucro. Nesse contexto, os ideais neoliberais ganham força, com a

² Para um estudo mais aprofundado, ler Imperialismo: fase superior do capitalismo de Lênin (2005).



chegada de uma forte crise que causa uma profunda recessão, com baixas taxas de crescimento e com altas taxas de inflação. O Estado deve conter os gastos sociais e manter um exército industrial de reserva para enfraquecer o poder dos sindicatos. Esse modelo, conhecido como neoliberalismo, surge como proposta de superar a crise do capital e como projeto de reforma ideológica.

No Brasil, o projeto de construção de um sistema de proteção social tem como marco a Constituição Federal de 1988. No entanto, a contra-reforma implementada pelo projeto neoliberal ataca os direitos sociais. Nessa conjuntura a política de educação e demais políticas sociais passam pelo processo de mercantilização, cuja intervenção do Estado passa mínima para o trabalhador, de forma a precarizar o serviço e colocar como possibilidade de melhoria a privatização, assegurando, assim, possibilidade de novos nichos de investimento do capital acumulado.

O neoliberalismo chega ao Brasil (país capitalista dependente), na década de 1990 com o governo de Fernando Collor de Mello, avança no governo de Fernando Henrique e continua no governo de Luís Inácio da Silva e Dilma Rousseff. As políticas sociais se gestam neste cenário pela via da benesse e discurso paternalista e a crise fiscal do Estado passa a fazer parte do discurso neoliberal com intuito de ocultar as reais intenções de redirecionamento de parte significativa do fundo público para o capital.

“(...) As alterações na base produtiva, na estruturado Estado e na cultura tornam (...) as políticas sociais mecanismos não somente impróprios mas que também que interpõem severos obstáculos para a realização das exigências do capital monopolista marcado pelas finanças, nos dias presentes”.(GRANEMANN, 2007, p. 58)

Neste novo estágio do capitalismo, o capital intensifica estratégias de enfrentamento a crise, transformando todas as esferas da vida social em mercadoria, isto é, em áreas potencialmente lucrativas. Desta forma, a política de educação deixa de efetivar os direitos sociais para que os espaços por ela ocupados sejam liberados ao mercado, passam, por sua vez, a serem elementos de financeirização.



3 FINANCEIRIZAÇÃO DO CAPITAL

O conceito de financeirização é recente na literatura econômica internacional e manifesta-se pela acumulação da riqueza por canais financeiros ou operações bancárias que concorrem com os ativos produtivos no que concerne a risco, liquidez e rentabilidade. De acordo com Marx (2008), no processo de circulação do capital industrial e do capital comercial, o dinheiro realiza movimentos puramente técnicos³, que ao se tornarem autônomos de um capital particular que os executa transforma-se em capital financeiro. Nesse sentido, sendo o capital comercial parte da circulação do capital industrial, o movimento do capital dinheiro compreende parte que se tornou autônoma do capital industrial no processo de reprodução. E na proporção que se emprega novo capital, o capital na forma de dinheiro se revela início e fim do movimento.

Nesse aspecto, o desenvolvimento do capitalismo levou ao desenvolvimento das formas de capital, como o capital portador de juros⁴ (crédito, montante de capital acumulado é colocado à disposição para empréstimo) e capital fictício (o capital portador de juros passa a operar de forma especulativa, deslocada de sua base real)⁵. Esses fenômenos estão no centro do debate do capitalismo contemporâneo e assumem a forma mais fetichizada do movimento do capital, pois se apresentam na forma D-D', isto é, dinheiro que gera mais dinheiro, valor que se valoriza a si mesmo sem o processo intermediário que articula os dois extremos.

“(...) O capital portador de juros é o fetiche autônomo perfeito – o valor que se valoriza a si mesmo, dinheiro que gera dinheiro e dessa forma desaparecem todas as marcas da origem. A relação social reduz-se a relação de uma coisa, o dinheiro, consigo mesma. Em vez de verdadeira transformação do dinheiro em capital, o que se mostra aí é uma forma vazia.”
(Marx, 2008, p. 520).

Segundo Chesnais (1996), nos finais do século XX, o capital financeiro encontra possibilidade de expansão, materializando um novo cenário do capital: “mundialização do

³ Para Marx (2008), essas operações técnicas são pagamentos realizados, recebimentos de dinheiro, operação de compensação, escrituração de contas-correntes, guarda do dinheiro.

⁴ O capital que porta juros sempre existiu na história, anterior até mesmo a sociedade capitalista de produção, na forma de capital usurário. No entanto, é na sociedade capitalista que esta forma de capital torna-se mercadoria específica com valor de uso e valor.

⁵ O capital portador de juros e o capital fictício não receberam um tratamento acabado para publicação na obra de Karl Marx. Friedrich Engels, a partir dos manuscritos deixados por Marx, organizou a obra: O Capital - Processo Global de produção capitalista.



capital”, através da centralização dos capitais financeiros. Há o triunfo do capital financeiro e especulativo sobre o capital produtivo. Os oligopólios tornam-se elementos centrais para compreender as formas de mercado que resultam da concentração de capitais. E nessa conjuntura, as novas configurações da economia capitalista devem ser pensadas na contemporaneidade em nível mundial, sendo resultado de movimentos de internacionalização.

4 O FENÔMENO DA FINANCEIRIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO⁶

Há uma forte relação entre economia política e política social e com o intuito de contrarrestar a queda da taxa de lucro e manter a rotação do capital, os capitalistas que se encontram com excesso de liquidez de capitais passam a buscar valorização em diversos setores e nesse aspecto a educação tornou-se alvo de grandes empresas, constituindo-se um negócio promissor para grupos educacionais que compram centros educacionais por meio de fundos de investimento (private equity). O fenômeno da Financeirização da Educação tem como foco o ensino privado, mas pretendem avançar no ensino público.

As fusões e aquisições se concentram na compra de Escolas (espaço físico), ensino à distância e a área de sistemas de ensino (instituições que vendem apostilas e metodologias de educação). Essas empresas avaliam negócios no ensino superior e na educação básica, gerando um lucro de 1 bilhão de reais por ano. Com as recentes fusões e aquisições (2012), vinte grupos detêm 40% do mercado de ensino superior privado, ou seja, 40% do setor são controlados por 20 empresas, equivale a 73,2% dos universitários do Brasil. A meta é chegar em 2015, com 50% do setor controlado por 12 grupos. Consolidando um oligopólio na educação.

Os quatro principais grupos movimentaram cerca de 2,4 milhões em aquisições, a saber: Kroton Educacional possui 464 polos de ensino para aulas presenciais e a distância no Brasil, Grupo Anhanguera possui 500 polos, Abril Educação – investimento em sistemas de ensino, comprou em 2010 o colégio Anglo Americano, Estácio, Pearson-Investimento em Sistemas de Ensino –comprou em 2010 o sistema de ensino da SEB –

⁶ Os dados mencionados neste tópico foram retirados do jornal Valor Econômico e Correio Braziliense.



COC, Dom Bosco e Pueridomus) – 45% da Companhia de Letras, uma das editoras brasileiras mais renomadas

Em meio a esse contexto, a mercantilização da Educação encontra-se em expansão graças a programas de financiamento universitário. O FIES (Fundo de Financiamento Estudantil) e PROUNI (Programas de financiamento do governo federal que oferece crédito para pagamento de mensalidades do ensino superior), transforma o Brasil em um bom negócio para empresas. Desde 2010, os juros caíram de 9% para 3,4% ao ano. Segundo o presidente do Anhanguera, o fundo é o elemento que faltava para ampliar o acesso das classes ascendentes ao ensino superior. O setor privado tem 1,5 milhão de vagas ociosas. A meta é transformar esse jovem em aluno de fato, já que não consegue arcar com os custos do estudo. O número de pessoas que concluem o ensino médio e não ingressam no ensino superior, gira entorno de 13 milhões de pessoas. Apenas 30 % dos alunos que saem do ensino médio ingressam no ensino superior.

Nessa mesma lógica se insere o ensino a distância e o fornecimento de material didático e métodos de ensino. No que tange ao ensino a distância, é uma área promissora para negócios, em 2011 o valor recorde de transações foi puxado pela mineira Kroton que comprou 1,3 bilhão a Universidade do Norte do Pará, que é líder do segmento de ensino a distância, tendo como principal acionista o fundo Americano Advent. Já o fornecimento de material didático e métodos de ensino têm sido impulsionados pelas avaliações que os estudantes são obrigados a fazer, com destaque para o ENEN – Exame Nacional do Ensino Médio. No ensino público os Municípios recebem o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de valorização dos profissionais de educação (FUNDEB), com essa verba podem comprar material didático dos sistemas de ensino. O material didático vem acompanhado de assessoria pedagógica, propondo-se a organização do sistema educativo e modelagem do ensino escolar. 3% das 130 instituições municipais já utilizam o método.

A financeirização da Educação tem como base a constituição de um mercado mundial da educação sob o impulso de organizações internacionais como OMC – Organização Mundial do Comércio, UNESCO, AGS – Acordo Geral sobre o Comércio dos Serviços, Banco Mundial, a Comissão Européia e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). Essas corporações transnacionais detinham 13



trilhões de dólares aplicados em ativos financeiros, superando bancos, segurados e fundos de pensão. A financeirização de Educação é um movimento do capital com objetivo de recuperação de sua taxa de lucro.

5 CONCLUSÃO

Essas medidas fazem parte de um largo processo de desmonte da política educacional, que vem acompanhado da mercantilização e da financeirização dessa política. E na tentativa de valorização do excedente econômico, a educação torna-se alvo do capital financeiro, em que alguns setores de utilidade pública são privatizados. *“A continuidade do fluxo na circulação do capital é muito importante. O processo não pode ser interrompido sem incorrer em perdas. (...) Qualquer interrupção no processo ameaça levar à perda ou desvalorização do capital investido”* (HARVEY, 2011, p. 42). Nesse sentido, o capital portador de juros é elemento central para manutenção e expansão da produção capitalista. Há o deslocamento de parte significativa do fundo público para a elite rentista, donos do capital que porta juros. Essa transferência de recursos sociais para a esfera financeira corrobora para a financeirização das relações sociais e monetarização das políticas sociais.

Trata-se de conceber uma educação voltada para atender as demandas do mercado e ser instrumento de controle social, a partir do momento que possibilita a formação de consenso no modo de produção capitalista. E nesse aspecto, ao abordar a temática da Educação, se faz necessário resgatar a relação de duas categorias indissociáveis: educação e trabalho, considerando nesse processo seus fundamentos histórico-ontológicos. A divisão social e técnica do trabalho irá interferir no desenvolvimento do indivíduo e ao mesmo tempo em que se baseia na divisão de classes, da apropriação dos meios de produção, também interfere na educação, na formação dos sujeitos. A Educação no sistema capitalista é uma mercadoria, sofre um processo de fetichização⁷, em vez de instrumento da emancipação humana, passa a ser mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema.

⁷ Marx (2008), ao analisar a mercadoria irá trabalhar a categoria fetichismo. Entendendo fetichismo uma relação social definida, estabelecida entre os homens, que assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, figuras autônomas que



REFERÊNCIAS

- CHESSNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- GRANEMANN, Sara. Políticas Sociais e financeirização dos direitos sociais do trabalho. **Em pauta**, n.20, 2007.
- HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- KOIKE, Beth. Fusões batem recorde no setor de educação. *Valor Econômico*, São Paulo, 09 jan.2012. Disponível em:< <http://www.valor.com.br/>>. (Acesso em 15 de março de 2013).
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo: fase superior do capitalismo**. 3ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.
- MANDEL, Ernest. **Capitalismo Tardio**. São Paulo: Abril Cultura, 1982. (Col. Os Economistas).
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: O Processo de Produção do Capital**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008. livro I, v.I.
- _____. **O capital: crítica da economia política: O Processo Global de Produção Capitalista**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008. livro III, v.V.
- NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e serviço social**. 3 ed. São Paulo, Cortez, 2001.
- OLIVEIRA, Priscilla. Educação Concentrada. *Correio Brasiliense*, Brasília, 24 nov. 2012. Disponível em < <http://www.correiobraziliense.com.br/>>. (Acesso em 19 de março de 2013).

mantêm relações entre si e com os seres humanos. O resultado é a aparência de uma relação direta entre as coisas e não entre as pessoas. O fenômeno da fetichização remete a mistificação do objeto.